



SUBJETIVAÇÃO DO “EU” FEMININO E LEMBRANÇAS NO FACEBOOK

SANTOS, Graciana Martins dos
Mestranda do Programa de Memória Social da Unirio
martins.graciana@gmail.com

78

RESUMO

Este artigo analisa lembranças postadas por mulheres no Facebook a partir das escritas de si, refletindo sobre a subjetivação do eu feminino nas redes sociais. O *corpus* teórico para verificar as forças dessas narrativas, que afetam as alianças e as desavenças dos gêneros performativamente constituídos em sociedade, abrange conceitos de memória coletiva, de linguagem performativa e de sociedade. Tais estudos mostram que essas mulheres escrevem sobre o “eu” e, também, sobre o “nós” à medida que a identificação da autora perpassa por sua integração com o leitor.

Palavras-chave: memória; escritas de si; subjetividade; feminino.

ABSTRAT

This article analyses the memoirs posted by women on Facebook from their writes of themselves, thinking about the subjectivation of the female self in social medias. The theoretical corpus to verify the power of these narratives, that affect the alliances and fights of gender, performatively built in society, includes Collective Memory, Performativity Language and Society concepts. These studies show that these women write about themselves in the singular “I” and also in the plural “we” as the identification of the author passes through her integration with the reader.

Key words: memory, subjectivity, writes of themselves, female.

1 INTRODUÇÃO

Partindo da noção de Geertz (2008), de que o ser humano deve ser compreendido através dos símbolos significantes que compõe a cultura na qual ele está inserido e, nessa perspectiva, a língua hegemônica sendo estruturada e estruturante do pensamento humano, desenvolvemos uma reflexão sobre a subjetivação do “eu” feminino com base em lembranças cotidianas redigidas no Facebook, por três mulheres com mais de 24 anos de idade.

O Facebook é um espaço da web 2.0 no qual são realizadas publicações compartilhadas com os “amigos”, usuários da mesma rede, sobre o dia a dia, tais como: anotações sobre insônia; o cardápio do almoço; o choro do filho antes de sair para a escola e diversos registros cotidianos, que podem ser praticamente considerados lixos descartados ao serem grafados através da escrita digital. Assmann (2011, p. 233) redige que “a palavra para letra, *letter*, tem



um parente muito próximo, a saber: lixo, *litter*.”. Nesse contexto digital, qual o papel da linguagem no processo de constituição da memória coletiva? Qual a relação entre escritas de si e lembranças cotidianas no Facebook? Com base nos conceitos de memória coletiva e de linguagem performativa, como podemos pensar a subjetivação do “eu” feminino? Como acontecem os processos de identificação no Facebook? Para este estudo, mobilizamos conceitos de memória coletiva, de linguagem performativa e de sociedade.

No que segue, o artigo está estruturado em mais três seções. Na segunda seção, integramos o conceito de memória coletiva de Halbwachs com a noção de sociedade de Nobert Elias. Ao longo da seção, outros autores são integrados para melhor exemplificação e fundamentação teórica.

Na terceira seção, entrelaçaremos estudos de Assmann, de Foucault e de Butler para abordarmos a concepção de escrita digital e a escrita de si no Facebook como um processo de codificação linguística da subjetivação do “eu” a partir de registro de lembranças cotidianas.

Na seção 4, abordamos os processos de identificação “eu”, “você” e “nós” no Facebook, retomando os conceitos de memória coletiva de Halbwachs, de lembranças de Assmann e de sociedade de Nobert Elias.

2 MEMÓRIA, LINGUAGEM E SOCIEDADE

Em *Quatro proposições sobre memória social*, Jô Godar (2005, p.18) redigiu que memória é uma construção processual sendo produzida pelo ser humano. Essa visão tem origem no final do século XIX, quando “o próprio social se tornou objeto legítimo de saber, e permitiu, inclusive, o surgimento de um novo campo de estudos, o das ciências sociais.”.

O sociólogo francês, Maurice Halbwachs, foi o criador do termo “memória coletiva”. Também foi o primeiro a pensar a memória fora do plano individual. Apresentou, assim, o conceito de que as memórias de um indivíduo nunca são apenas suas, pois não existe lembrança apartada da sociedade. A influência dessa abordagem é durkheimiana.

De acordo com o autor, as lembranças são constituídas no interior de um grupo social. Ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós, são, na verdade, inspirações sociais. As afirmações de Halbwachs acerca da memória individual referem-se à existência de um estado de consciência puramente individual, a “intuição sensível”. Vejamos:

Haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que – para distingui-lo das percepções onde



entram elementos do pensamento social – admitiremos que se chame intuição sensível (HALBWACHS, 2004, p.41).

A memória individual ou autobiográfica, construída a partir das referências e lembranças próprias da sociedade, refere-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 2003, p.55). Sendo, nessa perspectiva, a intuição sensível a responsável por não confundirmos o passado de outro ser humano com o nosso próprio passado.

O ser humano constrói memória num pacto linguístico firmado com outros seres humanos. Halbwachs (2004, p.89) afirma que “... el language consiste, pues, en una cierta actitud del espíritu, que sólo es concebible en el interior de una sociedad, ficticia o real: es la función colectiva por excelência do pensamiento.”

É no processo de aquisição da linguagem, que começa a construção da memória social. Francisco Farias (2005, p.16) escreveu que “todos os fenômenos psíquicos se explicam em função dessa dupla referência: memória e linguagem.”. Farias (2005) reflete em *Memória Social e temporalidade retroativa* que Freud, no texto *Interpretação das afasias*, intencionava criar um aparelho de linguagem constituído na interação com outro aparelho de linguagem. Este sempre funciona por referência a outro aparelho que o antecede socialmente.

Segundo Farias (2005, p.17) o aparelho de memória é o emblema do que se compreende por psiquismo, com isso no Projeto para uma psicologia científica de 1895 elaborado por Freud, “tem-se o modelo cujo tema central é memória. Mas essa memória não é algo que se acrescenta secundariamente ao aparelho psíquico: o aparelho anímico é um aparelho de memória.”

Essa integração plural de aparelhos de linguagem ocorre em sociedade. O sujeito que lembra e esquece é um ser social. Halbwachs em “Los marcos sociais de la memoria” registrou que:

La sociedad, indudablemente, piensa por conjuntos: vincula sus nociones entre ellas, las agrupa en representaciones más complejas de personas y acontecimientos, incluyendo en unas nociones todavía mucho más complejas. (HALBWACHS, 2004, p. 103)

Ora, um enunciado para expressar e produzir sentido ocorre em um determinado marco social, cujo suporte está em um grupo de pessoas ligadas no tempo e no espaço. Sendo, portanto, a comunidade falante pertencente a uma determinada comunidade linguística, o enunciado acontece num complexo sistema de diálogos. Neste existe um trabalho intenso de memória, cuja construção processual nunca é interrompida no contexto amplo social.



Em relação ao contexto social, Nobeert Elias (1994) redigiu que é impossível separarmos o indivíduo da sociedade, não existindo antítese entre o “eu puro” e a sociedade. Similarmente a uma rede de tecidos, os indivíduos entrelaçam-se entre si, conservando sua individualidade. E essa rede, segundo Elias (1994, p.35) está em constante movimento. “É assim que efetivamente cresce o indivíduo, partindo de uma rede de pessoas que existiam antes dele para uma rede que ele ajuda a formar.”.

Para reconstruir suas lembranças, a pessoa recorre à linguagem socialmente compartilhada. Aprende, portanto, a expressar seus pensamentos numa determinada língua hegemônica. Na dinâmica social em que está inserida, é influenciada por esta língua, mas também, a influência.

Sendo, dessa forma, a memória e a linguagem empreendimentos sociais interligados e entrelaçados na vida cotidiana seja em ambiente *offline* ou *online* como o Facebook, o twitter, blogs etc. David Kirkpatrick (2011) afirmou, no livro *Efeito Facebook*, que:

O Facebook é pura informação o tempo todo. A cada mês, cerca de 30 bilhões de postagens são feitas pelos usuários, incluindo links da internet, notícias, fotos e etc. Trata-se, de longe, do maior site de compartilhamento de fotos da internet, por exemplo, com mais de 3 bilhões de fotos adicionadas a cada mês. Sem mencionar inúmeros anúncios banais, pronunciamentos de pesos, provocações políticas, felicitações de aniversário, flertes, convites, insultos, piadas, brincadeiras de mau gosto, pensamentos profundos e, claro, *cutucadas*. (KIRKPATRICK, 2011, p.20)

São os denominados “anúncios banais”, na citação acima, que focaremos nossa análise na seção seguinte. Como um *flaneur*, passaremos por registros de lembranças cotidianas de mulheres para refletirmos sobre a subjetivação do “eu” feminino no Facebook.

3 ESCRITAS DE SI E LEMBRANÇAS NO FACEBOOK

Assmann (2011) conceitua, em *Espaços de recordação*, a escrita digital, Foucault (2012) estuda a escrita de si como uma estratégia de construção do “eu” social, Butler (2013) pensa as proposições performativas como sendo constitutivas das identidades de gênero. Ao longo dessa seção, iremos entrelaçar esses conceitos para falarmos sobre a escrita de si como um meio verbal de codificação de lembranças cotidianas, que podem ser consideradas lixos descartados em meio digital.



Assmann (2011) apresenta quatro estágios da escrita, a saber: a escrita iconográfica, a escrita alfabética, a escrita analógica dos vestígios e a escrita digital. Um novo estágio não elimina automaticamente o anterior. Para nosso estudo, vamos nos ater a escrita digital, que de acordo com Assmann (2011, p. 228) é transmedial, ou seja, “com o mesmo código ela escreve imagens, sons, língua e escrita.”. A autora considera a escrita digital devido sua energia elétrica como uma escrita corrente, não possuindo mais a marca de uma metáfora de memória. Existe, agora, uma cascata de informações fragmentadas repletas de imagens, sons, textos. “Na escrita digital as funções de armazenamento e apagamento estão extremamente próximas uma da outra, a distância de um botão.”. (p.229)

Diante das conceituações de Assmann em relação à escrita digital e à memória, vamos considerar o Facebook como um espaço questionável de memória. Contudo, ele nos atende para o presente estudo, por considerarmos que ao redigirem sobre si na rede social, as sujeitas-autoras possuem desejo de memória. Inclusive, pela existência de uma página pessoal com o nome “linha do tempo”, que remete a um registro progressivo de lembranças. O importante, para nossa análise, é como aparece nessas publicações o “eu” feminino subjetivado a partir da integração plural de aparelhos de linguagem constituidora da memória autobiográfica, que é uma perspectiva da memória coletiva. A sujeita que lembra e que transcreve para o ambiente digital suas lembranças, é um ser social. Portando, podemos através a análise das lembranças redigidas, numa perspectiva das escritas de si, identificar alguns entrelaçamentos possíveis entre memória coletiva, linguagem e gêneros performativamente constituídos.

Foucault (2012, p.141), ao abordar uma série de estudos sobre a “estética da existência” e o domínio de si na cultura grego-romana, nos dois primeiros séculos do império, sugere uma construção de si mesmo a partir de uma ética intelectual de desprendimento do “eu”. O filósofo centra-se na escrita de si como uma estratégia técnica de construção constante de si mesmo.

Foucault (2012, p.145) redige sobre a *hupomnematas* e a correspondência. A primeira poderia ser um livro de contabilidade, um registro público ou uma caderneta individual para servir de lembrete. Contudo, adquiriu num público letrado o *status* de guia de conduta, servindo não apenas como suporte de memória, mas como “um material de enquadre para exercícios a serem frequentemente executados: ler, reler, meditar, conversar consigo e com os outros etc.” A segunda eram textos enviados a outrem, mas, que permitiam o exercício pessoal. Como exemplo, o filósofo, citou as cartas de Sênecas a Lucillius. Nestas, Sênecas continua a se



exercitar conforme ele mesmo descreve em um dos princípios por ele invocados: “o de que é necessário adestrar-se durante toda a vida, e o que sempre se precisa da ajuda do outro na elaboração da alma sobre si mesmo” (FOUCAULT, 2012, p.150). A correspondência, também, é uma maneira de narrar ao seu correspondente o desenrolar da vida cotidiana, apresentando a “qualidade de um modo de ser.” (p.155). Não sendo, portanto, importantes os acontecimentos do dia, mas a forma como a pessoa lidou com cada um deles.

Nas escritas feitas no Facebook, observamos várias qualidades que tangenciam as *hupomnematas* e as correspondências. As publicações não chegam a ser um guia de conduta, mas sem dúvida demonstram, pelos rastros deixados no lixo descartado, um estilo de vida e de conduta diante das mais diversas situações cotidianas. Ao redigirem sobre si, mostrando para os amigos da rede social como estão, as sujeitas-autoras, mostram uma qualidade de ser de uma determinada forma na vida. Ao mesmo tempo, são diferentes das *hupomnematas*, porque estas eram decorrentes de práticas filosóficas cotidianas e as escritas digitais são descartes do dia. Afastam-se das correspondências por não são redigidas para um destinatário específico, mas para ser lido por todos os amigos usuários do mesmo ciberespaço.

O que leva uma mulher a registrar uma escrita íntima numa rede social? Além do desejo de registrar uma lembrança, pode ser uma busca pela interioridade, o desejo de se fazer ouvir e a fuga paradoxal do esquecimento. O desejo de memória, num espaço com uma quantidade incontável de informações diárias fragmentadas e descontínuas, é um paradoxo da dinâmica do lembrar e do esquecer.

Benjamin (1994) em o *Narrador*, um texto publicado nos anos 1930, fala sobre a perda de experiência que acomete a virada do século XIX para o século XX. Aborda a figura do narrador como a de um sábio em extinção, assim como também estão raros os ouvintes. O ensaísta sobre literatura alemã, João Barrento (2010), afirma que a internet é o auge dessa falta de sabedoria.

Chegamos ao ponto extremo da *pobreza da experiência* que Benjamin aponta como marca da nossa modernidade. O espelho dessa *polis* que vive a vertigem do instante foi, no século XIX, o *jornal*, hoje é o do paroxismo da informação. As *redes* são o lugar por excelência desse *isolamento da informação em relação a experiência*, antes ocupado, em escala infinitamente menor, pelo mosaico desconexo da notícia de jornal. (BARRENTO, 2010, p. 89)

O cenário, já vislumbrado no início do século passado por Benjamin e que chega ao seu apogeu no início do século XXI, é o da fragmentação, da descontinuidade e da falta de “tempo” para ouvir o outro com atenção. No corre-corre do mundo pós-moderno, as comunicações



diárias de cunho pessoal e de cunho profissional cada vez mais acontecem por mensagens escritas trocadas por ferramentas tecnológicas.

As lembranças cotidianas analisadas numa perspectiva de escritas de si indicam um modo de ser e de agir constituído através da integração social mediada por atos de fala. Podemos perceber certas normas de condutas, valores, crenças, carências, um modo de ser e de agir perante a sociedade, conforme os três exemplos aqui grafados podem demonstrar:

Exemplo 1:

“2013...
Saí do meu emprego de 7 anos.
Realizei o sonho de trabalhar com meu negócio próprio
Concluí o MBA em Marketing Digital
Minha mãe teve melhora com a químio. Ainda assim tem sido difícil.
Fiquei ruiva, fiquei loira de novo.
Virei paraquedista.
Fiz outra tatuagem e *piercing*
Encontrei o amor da minha vida, noivei e casei. Minha família aumentou (e muito).
Tirei 8 em gestão financeira na FGC, graças ao meu pai querido tem a maior paciência em me ensinar.
Viajei em lua de mel, engordei 4kg.
Perdi 4kg.
O ano já está no finalzinho...e tudo aconteceu tão rápido, tão especial e intenso. 2013 foi O ano.
Só tenho a agradecer aos amigos e a família, que tanto me ajudaram em todas essas maluquices e conquistas.
Amo vcs!”

Exemplo 2:

“Eu to! Nunca em minha vida estive tão bem condicionada fisicamente...
Nunca bebi tanta água, nunca fui tão disciplinada com minha saúde, academia e exercícios. Ainda faltam uns quilos, mas estou feliz pra caramba.”

Exemplo 3:

“Eu não merecia ser estuprada e tomar remédio contra a AIDS.”

Nos três exemplos acima, as lembranças escritas numa perspectiva de si mesmo são indícios da constituição do “eu” feminino em sociedade. As publicações são fragmentadas e descontínuas, mas demonstram um modo de ser e de agir. Aqui, não reproduzo o nome das autoras e, nem mesmo, as fotos que compõe cada publicação, para preservar a identidade dessas moças, que fazem parte de minha rede de amigos do Facebook.



Vale ressaltar que os exemplos são interpretáveis devido à memória coletiva acerca dos papéis sociais possíveis de serem ocupados na sociedade pós-moderna. Assim, como pelo conhecimento da linguagem utilizada para redigi-los e a contemporaneidade, temporal e espacial, entre a redação e a leitura.

Berger e Luckmann (2004, p.103) afirmam que as pessoas assumem determinados papéis; ou seja, certas condutas atreladas às tipificações sociais. “As origens dos papéis encontram-se no mesmo processo fundamental de formação de hábitos e de objetivação que as origens das instituições.”. A ordem social ocorre num cenário ao mesmo tempo objetivo e subjetivo. Esta ordem social é uma construção humana e pode ser alterada por seres humanos.

Nessa perspectiva, a socialização é um processo de interiorização da “realidade” subjetiva. Ao ser inserido na esfera social ainda na infância, o indivíduo se apodera de um “eu” e é integrado a uma determinada realidade social. Adquiri, assim, o conhecimento do papel dos outros e conseqüente do seu próprio papel. Berger e Luckmann (2004) definem essa socialização como sendo primária e constituída de forma definitiva para o indivíduo. A linguagem é um dos principais mecanismos dessa socialização, que é formadora dos processos de identificação social.

Num primeiro olhar, nos três exemplos, podemos observar uma valorização de lembranças relativas a um modo de ser dedicado à superação de desafios – doença na família, mudança de trabalho, dieta para redução de peso, a sobrevivência a um estupro. Cada relato fala sobre um bem-estar promovido por uma luta social em relação às forças que as afetam. Essas lembranças registradas no Facebook são lidas por diversas pessoas e podem servir de “exemplo” para os usuários da rede que façam parte da relação de amigos de cada uma das autoras de si.

Para a reflexão sobre a subjetivação do “eu” feminino no Facebook, separamos textos que falam sobre superação, sendo o terceiro exemplo um relato sobre a violência sexual e uma de suas conseqüências. O Exemplo 3 foi publicado em março de 2014 numa comunidade chamada “Eu não mereço ser estuprada”, parte integrante de um movimento realizado nas redes sociais em repúdio ao resultado da pesquisa sobre tolerância social à violência contra a mulher. Essa pesquisa, realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), divulgada naquele mês, apontou que 58,4% concordam total ou parcialmente com a sentença: “Mulheres que usam roupa que mostram o corpo merecem ser atacadas.” Em abril, o IPEA divulgou uma errata informando que este dado estava errado. Na verdade, o resultado correto seria: 26% dos



entrevistados concordam total ou parcialmente com a frase reproduzida acima. Apesar da retratação, o “estrago” já estava feito e a pesquisa repercutiu muito nas redes sociais. Primeiro devido à indignação com os resultados apresentados e depois pela confissão de erro da instituição realizadora. Foram entrevistadas 3.810 pessoas. Desse total, 66,5% são mulheres.

Ainda existe na sociedade brasileira a ideia da culpa da mulher em relação a ações de violência sexual. Judith Butler (2013, p. 48) expõe, em *Problemas de gênero, feminismo e subversão da identidade*, que, trazida a um limite lógico, “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente construída”. O ser mulher/fêmea e o ser homem/macho são construções sociais, sendo que cada um ganha um papel institucionalizado já no resultado da ultrassonografia da grávida, quando a médica ou o médico informa “é uma menina” ou “é um menino”. Neste ato performativo de fala, começa a formação de uma mulher ou de um homem.

Para Butler (2013, p.25), gênero e sexo são construções sociais. Acreditar no sexo como sendo produzido e estabelecido no pré-discurso “é uma das maneiras pelas quais a estabilidade interna e a estrutura binária do sexo, são eficazmente asseguradas.”. A autora pensa a pessoa como constituída numa dinâmica de mútuo reconhecimento entre o “eu” e o outro a partir de atos de fala performativos. Com isso, questiona a própria noção de indivíduo. Ela entrelaça explicitamente sua concepção de performatividade à teoria de Austin em *Quando dizer é fazer* e as reflexões de Derrida sobre as publicações de Austin em *Signature Evenent Contexte*.

Dessa forma, utilizando uma lente foucaultiana, a filósofa americana investiga como funcionam os discursos nas constituições das identidades performativamente constituídas. A identidade de gênero começa quando os pais identificam o sexo no exame de ultrassonografia.

No âmbito da sociedade, nem todos os indivíduos assumem ou se contentam com os papéis previamente estabelecidos. Assim, a constituição performativa do gênero pode não corresponder à expectativa social. Existem e coexistem ações de afirmações e de negações sobre as instituições estabelecidas. As identidades dos sujeitos não são fixas, mas flutuantes. A memória também não é fixa ou estável, pois se trata de uma construção processual.

A seguir abordaremos os processos de identificação estabelecida a partir das escritas de si no Facebook.



4 EU, VOCÊ E NÓS NO FACEBOOK

Como mencionamos na seção 2, o indivíduo que lembra e esquece é um sujeito social cuja constituição do aparelho de memória ocorre na relação com outros aparelhos de memória, que o antecedem. Segundo Halbwachs (2003), a linguagem é um marco social fundamental nesse processo, visto que precisamos da língua hegemônica para expressar ideias, reflexões, sentimentos, paixões etc. Tudo isso nos ocorre inspiradas pelo grupo no qual somos capazes de trocar conhecimento, através da interação verbal e gestual.

Para Nobeit Elias (1994, p.132) “o ser humano singular trabalha com conceitos extraídos de um vocabulário linguístico e conceitual preexistente que ele aprende com outras pessoas.” Se não fosse dessa forma, não haveria entendimento. O autor destaca a importância de o indivíduo ser compreendido como parte integrante de um processo de desenvolvimento de uma sociedade. Sendo esta organizada para proporcionar a sobrevivência do grupo. O sujeito faz parte do grupo, mas mantém sua marca de individualidade reconhecendo-se como único. As pessoas se percebem como indivíduos através do convívio com os outros indivíduos, que lhe são semelhantes, mas diferentes.

Diante do exposto, podemos afirmar que toda linguagem que permeia a comunicação entre seres humanos é de uma importância imensurável para constituição da relação deste consigo e com o grupo. É através da linguagem que constituímos nossa individualidade e nossa marca na relação “eu”, “você” e “nós”.

Nos exemplos utilizamos na seção anterior, houve uma série de comentários que podemos utilizar para pensar os processos de identificação no Facebook. Para cada postagem, escolhemos apenas três comentários.

Exemplo 1 – 157 curtidas/32 comentários

“Parabéns pelas vitórias, que Deus continue te abençoando.”

“Parabéns, orgulho de você.”

“Parabéns. Você merece isso tudo, esse ano foi um ano muito bom profissionalmente, mas é apenas uma prévia do que ainda está por vir. Parabéns pelo seu sucesso, feliz, também, por ser seu parceiro de projetos. E, tudo começou em uma praia paradisíaca na Bahia. O mundo é realmente surpreendente.”

Exemplo 2 – 17 curtidas/7 comentários

“Que bom, minha Pequena notável, Bjs e ótima sexta”



“Mas quanto mais a senhoria quer perder? Ta mara”

“Razô!!! E tá linda tb!”

Exemplo 3 - 85 curtidas/6 comentários

“Tristeza”

“Merece sim...fica me provocando com esse seu corpinho de fora ao invés de andar decentemente...e ainda fodase vocês garotas...vocês só ligam para grana ou para aparência. Nunca ligam pro cara se ele é legal ou gente boa etc... e então e quando o cara não tem grana e não tem aparência e quer uma gata não consegue e começa a acumular esse sentimento no coração. .. eu era um cara muito gente boa melhor que muitos ai mas vocês só ligam pra grana ou para aparência do cara, então o cara pega e fica com vontade de estuprar mesmo então fodase vocês..se vocês fossem diferente as coisas não seriam assim, ainda ficam tirando fotos ostentando a aparência de vocês ou o namorado provocando inveja nas outras pessoas que queriam ter uma namorada.. então não vem reclamar.”

“Você é tão patético, que precisa de uma conta fake para vir comentar. Nem homem você é, e muito menos ATITUDE de homem você têm!

A escrita de si no Facebook vivência o risco de ser erroneamente interpretada. É preciso haver um elo social entre a sujeita-autora e o sujeito-leitor para que a lembrança seja compreendida o mais próximo possível do objetivo das narradoras. Os exemplos 1 e 2 foram publicados na página pessoal de cada autora. Os comentários foram realizados por amigos integrantes da mesma rede social. Nos comentários, podemos verificar uma identificação em relação às conquistas descritas nas narrativas. Há uma força integradora e acolhedora nos comentários, que pode proporcionar bem-estar e reconhecimento da boa conduta frente aos desafios cotidianos retratados.

O exemplo 3 foi publicado numa comunidade aberta para atuar como um movimento social *online* em repúdio aos dados publicados em março numa pesquisa sobre a *Tolerância social à violência contra as mulheres*, conforme já referendado na seção 3. Sendo aberta a comunidade, as publicações e os comentários podem ser realizados por pessoas que não se conhecem pessoalmente. O objetivo da comunidade foi formar uma rede solidária a culpabilidade, pontuada pela pesquisa, da mulher em relação à violência sexual sofrida. Por isso, pontualmente, as autoras da comunidade fazem moderação nos comentários eliminando os xingamentos e citações depreciativas. O que nos remete a proximidade mencionada pela Assmann (2011) entre a lembrança e o esquecimento na escrita digital. Ambas separadas por um botão de apagar.

A comunidade conta até 16 de maio às 01h51min com 17.709 curtidas e várias fotos



publicadas por mulheres com um cartaz indicando “Eu não meço ser estuprada”. Alguns homens também aderiram ao movimento e se manifestaram dizendo não consideram a mulher responsável pelo ataque sexual. A comunidade conta, também, com uma série de depoimentos de mulheres estupradas que já conseguiram elaborar o trauma e estão prontas para compartilhar essa lembrança com a sociedade. Algumas narrativas contam com detalhes de como foi realizado o abuso. Isto gera um rompimento com o silêncio e permite a integração solidária entre as vítimas de violência. Estas subvertem a posição de vítima para de militantes de uma causa na defesa de si mesmas e de seus pares.

Um dos comentários do exemplo 3 foi publicado por um perfil anônimo do Facebook. O sujeito-ator se apresenta como homem e traça em seu comentário uma narrativa que culpa as mulheres pela violência, não só pela roupa que usam, mas por serem ambiciosas por dinheiro e exibicionistas em reação aos seus relacionamentos amorosos. O autor dá a entender, inclusive, que pode já ter realizado algum estupro.

O processo democrático da rede social, no qual as lembranças estão redigidas fora do contexto de vida *offline* de cada sujeita-autora. Isso permite a integração do “eu”, com o “você” e o com “nós” estejam ou não alinhados no mesmo contexto social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo foi resultado de um estudo sobre a subjetivação do “eu” feminino com base em lembranças cotidianas redigidas no Facebook, por três mulheres com mais de 24 anos de idade. Com a reflexão realizada, visamos compreender o papel da linguagem performativa no processo de constituição da memória coletiva. Assim como a relação entre escritas de si e lembranças cotidianas no Facebook e como estão articulados os processos de identificação “eu”, “você” e “nós” nessa rede social.

Consideramos as lembranças cotidianas registradas no Facebook como lixos diários descartados ao serem grafados na escrita digital. Assmann (2011, p. 233) redige que “a palavra para letra, *letter*, tem um parente muito próximo, a saber: lixo, *litter*.” E a web como um espaço questionável de memória devido, entre outros aspectos, à fragmentação e ao fácil descarte de todos os registros. O apagamento das memórias registradas está disponível ao clique de um único botão denominado, *delete*. Contudo, quando a sujeita-autora registra suas lembranças nessa rede social possui desejo de memória e de integração social. Com isso, transformamos, a partir da análise das lembranças através de lente foucaultiana das escritas de si, o lixo em



indícios da constituição performativa do “eu” feminino na sociedade brasileira pós-moderna.

Em relação ao papel da linguagem performativa, no processo de constituição da memória coletiva, verificamos que o sujeito que lembra e esquece é um ser social cuja constituição do aparelho de memória ocorre na relação com outros aparelhos de memória, que o antecedem. Segundo Halbwachs (2003), a linguagem é um marco social fundamental nesse processo, visto que precisamos da língua hegemônica para expressar ideias, reflexões, sentimentos, paixões etc. Tudo isso nos ocorre inspirados pelo grupo no qual somos capazes de trocar conhecimento, através da interação verbal e gestual.

Em relação ao “eu” feminino subjetivado verificamos que este é constituído na integração plural de aparelhos de linguagem constituidora da memória autobiográfica, que é uma perspectiva da memória coletiva, que sendo estruturada no âmbito da linguagem, também é estruturante dos conceitos de gênero, de sexo, de desejo e de sexualidade.

A filósofa americana, que questiona a própria noção de sujeito, Judith Butler (2003), apresenta em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* que o gênero e o sexo são construções discursivas sociais. A autora pensa a pessoa como constituída numa dinâmica de mútuo reconhecimento entre o “eu” e o outro a partir de atos de fala performativos. Butler fundamenta-se para a apresentação do conceito de identidade performativa de gênero na teoria de Austin apresentada nas seis conferências publicadas em *Quando dizer é fazer* e nas reflexões de Derrida sobre as produções deste autor em *Signature Evenent Contexte*.

Observamos com base na bibliografia escolhida e nos três exemplos aqui apresentados, que, ao escreverem sobre si, essas mulheres escrevem sobre o “eu” e, também, sobre o “nós” à medida que a identificação da sujeita-autora perpassa por sua integração com o sujeito-leitor. O discurso objetivo e, ao mesmo tempo, subjetivado das lembranças cotidianas proporciona reconforto às autoras, sendo um elemento de redenção e de comemoração.

No Facebook estão presentes processos de identificação social mediados pelo ícone *curtir* e/ou pelos comentários. Nesses processos de identificação estão presentes valores, crenças e visões de mundo, que podem exercer um papel integrador e acolhedor a partir do bem-estar gerado no reconhecimento social de boa conduta frente aos desafios da vida.

Ressaltamos que no ciberespaço, assim como na vida “real”, existem lutas e forças que afetam na mesma proporção a procura por acolhimento e por ser ouvido, numa sociedade marcada pelo individualismo, pela falta de tempo e pela fragmentação. As lutas são expostas nas narrativas das lembranças do dia a dia e, inclusive, nas alianças e nas desavenças dos



gêneros performativamente constituídos no âmbito social.

Encerramos esse artigo, certos que existe muito a ser estudado em relação à subjetivação do “eu” feminino, através das escritas de si registradas no ciberespaço, para a melhor compreensão das relações de gênero no Brasil pós-moderno *online* e *off-line*.

6 REFERÊNCIAS

ASSMANN, A. *Espaços de Recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução: Paulo Soethe. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2011. p. 193 – 213.

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BARRENTO, João. *Limiares sobre Walter Benjamin*. Santa Catarina, Editora da UFSC, 2010, p. 85-110

BENJAMIN, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p 197-221.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. A sociedade como realidade objetiva. In: *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Rio de Janeiro, Vozes, 2004. p. 69-173.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. 5ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

COMAY, R. O fim da partida. IN: BENJAMIN, A; OSBORNE, P. (orgs), *A filosofia de Walter Benjamin*, Trad. Maria Luiza de Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 1997 Página 259 a 298

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FARIAS, Francisco. Memória Social e Temporalidade Retroativa. In: PINTO, Diana e FARIAS, F (Orgs) *Novos Apontamentos em Memória Social* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. p. 11-22.

FARIAS, Francisco. Apresentação. In: FARIAS, F. e PINTO, Diana (Org.) *Apontamentos em memória social*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.p. 7-14.

FOUCAULT, Michel. MOTTA, Manuel (Orgs.) *Ditos e Escritos, V.: Ética, sexualidade, política*. Tradução: Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 3ª Edição – Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2012. p 141-157.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.p.25- 40.

GODAR. J. Quatro proposições sobre memória social. In: GODAR, J. e DODEBEI.



V.(Orgs.)*O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. p. 11-26.

HALBWACHS, Maurice. *Los Marcos Sociales de La Memoria*; posfácio de Gerard Namer; tradução de Manuel A. Baeza Y Michel Mujica. _ Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial; Concepción: Universidad Central de Venezuela, 2004. p. 57-104.

HALBWACHS, Maurice *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidau. São Paulo: Centauro, 2003. p. 29-70

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Tolerância social à violência contra as mulheres*. Disponível em: www.ipea.gov.br. Acesso em 16 de maio de 2014 às 1h38min.

KIRKPATRICK, David. *O efeito Facebook*. Tradução: Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011. p. 9-26